

## DA ORIGEM DA ESCRITA PARA AS PRÁTICAS ADMINISTRATIVAS EM URUK ENTRE 3500 A 2900 A.C.: UM ESTUDO A PARTIR DA CULTURA MATERIAL E DA ARQUIVÍSTICA

Gabriel Lohner Gróf<sup>i</sup>

**Resumo:** Este artigo tem por finalidade apresentar uma proposta de estudo cujo foco é o relacionamento entre o incremento da complexidade social no sul da Mesopotâmia no momento de transição para um modelo político centrado na cidade e a gestão da informação administrativa produzida pelas instituições nascentes. Para tanto, optamos pela introdução de elementos conceituais da Arquivística e problemáticas recentes da Antropologia da Materialidade como forma de lançar uma nova luz sobre o problema da administração pública nos primórdios da civilização mesopotâmica.

**Palavras-chave:** cultura material, escrita, arquivos.

**Abstract:** This article aims to present a proposal for a study which focuses on the relationship between the increase of social complexity in southern Mesopotamia in the transition time for a political model centered on the city and the management of administrative information produced by nascent institutions. Therefore, we chose conceptual elements of the Archival Science and recent issues of Material Culture as a way to shed new light on the problem of public administration in the early Mesopotamian civilization.

**Keywords:** material culture, writing, archives.

### Introdução

O estudo do conjunto das práticas administrativas de um determinado período histórico deve utilizar uma abordagem que vá além de uma mera lógica funcionalista, já que tal abordagem ocultaria os significados sociais de tais práticas. A administração não é um simples sistema de funções, mas também um fenômeno histórico profundamente vinculado com a exclusão do acesso da maior parte da sociedade aos bens materiais e simbólicos produzidos pelo conjunto. Tal segregação não se resolve rapidamente e as constantes soluções e reformulações encontradas para se manter o *status quo* dão a tônica histórica a qual fizemos

referência. Desta forma, traçamos em nossos últimos trabalhos uma linha de estudos que privilegie o aspecto histórico-sociológico da administração política e econômica nas primeiras sociedades complexas. Se o fazemos é para procurar suprir uma lacuna visível de estudos sobre a administração no sul Mesopotâmico do IV milênio a.C – mais precisamente em Uruk dos níveis V a III, um momento crucial no processo de complexificação social marcado, entre tantas características, pela invenção do tablete de argila como suporte no qual foram inscritos os primeiros traços da grafia proto-cuneiforme.

Este quadro de complexificação social possui convergiu no estabelecimento de um modelo que, em última instância, “oficializava” a diferenciação de acesso aos bens produzidos pela comunidade. Neste contexto, o ato de administrar ganhou contornos particulares, expressos nos tabletas proto-cuneiformes. O uso de artefatos relacionados com a administração da esfera econômica – como os *tokens* e os selos - não é uma inovação do período Uruk: nas culturas neolíticas de Halaf e Ubaid, por exemplo, a glíptica e a circulação de objetos contábeis encontram-se plenamente desenvolvidas e operacionais no desempenho de funções eminentemente econômicas e arquivísticas, ou seja, concebidas sob um *modus operandi* relacionado ao processamento técnico de tais objetos: concepção, guarda, sigilo, descarte após o desempenho de suas funções primárias e secundárias. A invenção do proto-cuneiforme associada ao referido período de mudanças que culminam com o Estado, assim como sua operacionalidade segundo um paradigma arquivístico preexistente, permite entrever não apenas um avanço da administração estatal em direção a áreas antes “liberadas”, mas também a maneira como se realizava o exercício administrativo, de caráter eminentemente padronizador.

A nosso ver, é um equívoco supor que a escrita *per se* seria um elemento determinante no processo de complexificação social, da forma como é tradicionalmente interpretada devido à predileção dos historiadores pelo documento escrito. Antes, é um produto deste processo, uma ferramenta do poder através da qual é veiculado o discurso administrativo que pressupõe uma relação desigual na medida em que há administradores e administrados. Assim, a escrita deve ser compreendida sob uma lógica técnico-administrativa que compreendia formas específicas de gerenciamento de dados cujos resultados materiais-conceituais eram decorrentes de seu processamento técnico, e diversas etapas de gerenciamento que vão desde a escolha dos sinais e sua impressão em determinado suporte, até o

momento do descarte. Em suma, a escrita só se consolida como ferramenta de poder – no caso, aquela utilizada na administração - quando considerado seu inextricável lado material, como um tablete desde sua produção até o momento em que deixa de circular na sociedade produtora tendo cumprido sua função primária.

Os tabletes proto-cuneiformes, embora resultassem de uma experiência prévia em relação ao uso de dispositivos de controle, possuía peculiaridades em relação aos dispositivos anteriores: primeiramente, os tabletes circularam em um ambiente muito mais reduzido do que selos e *tokens* ao mesmo tempo em que tratam de maneira radicalmente ampla do universo produtivo, sugerindo uma intensiva especialização da atividade administrativa e consagrando o controle da circulação de bens por setores não-produtivos; em segundo lugar, os documentos proto-cuneiformes de Uruk IVa e b parecem refletir uma característica localizada do fenômeno, o que sugere um modelo de administração localizado na cidade de Uruk. Certamente a manipulação dos tabletes proto-cuneiformes foi um evento localmente relacionado com o período de mudanças que caracterizou o final do Calcolítico Tardio (antigo Período Uruk). Em terceiro lugar, uma vez que a operacionalidade do documento era subjacente a uma lógica arquivística, a sua materialidade se constitui em uma parte importante do discurso administrativo, condicionando as possibilidades e as limitações da concepção da informação administrativa e seu escopo de circulação.

Daí resulta nossa abordagem interdisciplinar – uma incursão na arquivística e na Antropologia da Materialidade – como um esforço de compreender as dinâmicas que envolvem a consolidação do grafismo como dispositivo de controle utilizado pela administração centrada nas instituições características da Revolução Urbana. Até então, o papel legado à invenção da escrita neste processo – à parte o debate que problematiza a definição do proto-cuneiforme como um sistema de escrita - enfatiza o seu surgimento como um produto inteiramente intelectual que atesta o elevado nível de desenvolvimento que a humanidade havia chegado, ou ainda como uma substituta direta da oralidade na medida em que o volume de informações tornou-se maior do que a capacidade humana de armazenamento na memória. Nesta perspectiva, o grafismo seria uma mera concretização de uma ideia, sem que se leve em conta as restrições dialeticamente impostas pelo próprio mundo físico e a experiência histórica do processamento de dados administrativos.

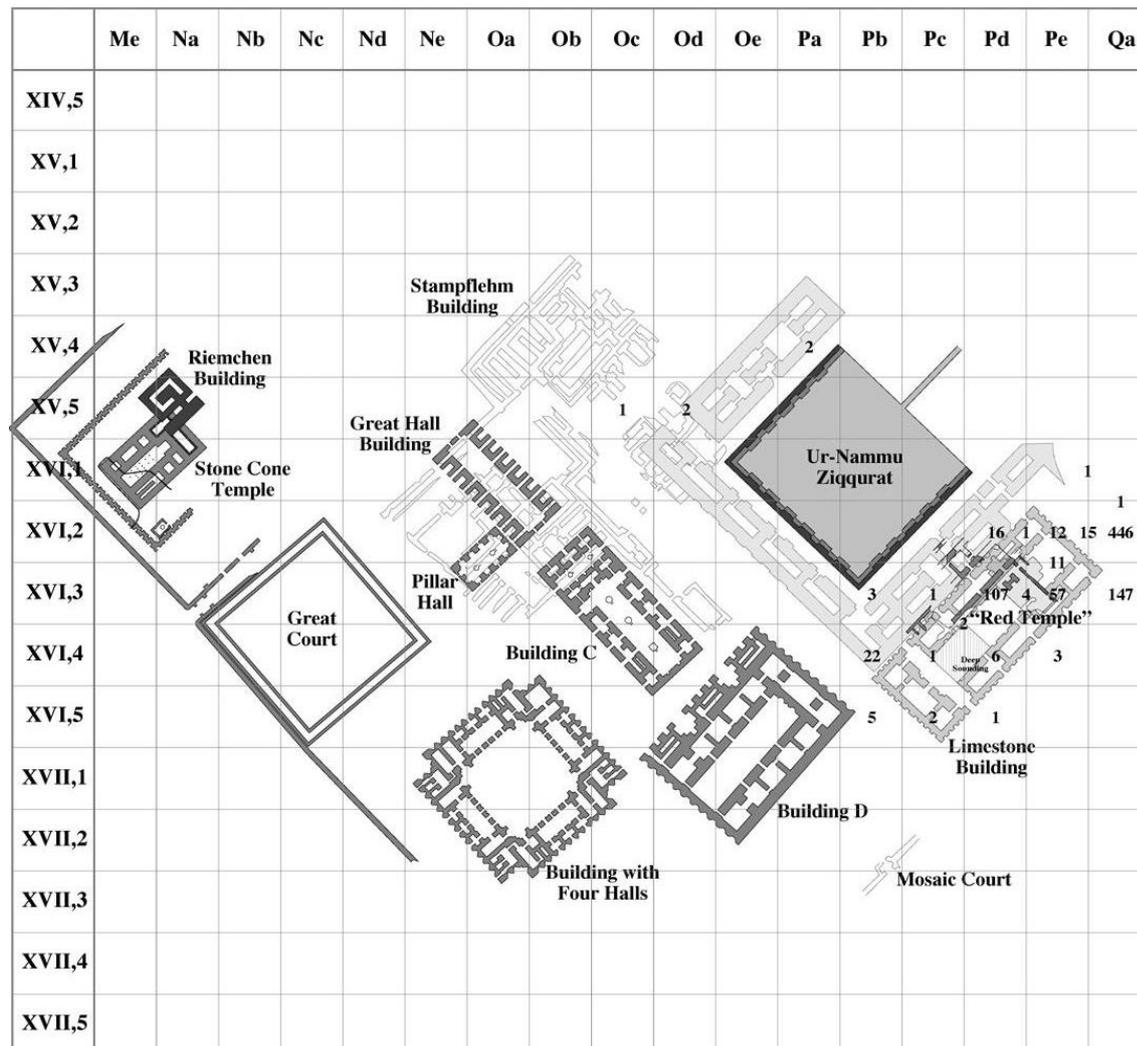
Neste artigo, procuraremos demonstrar a estratégia teórica que utilizamos em nosso trabalho *Práticas Administrativas em Uruk entre 3500 a 2900 a.C.*, dissertação de mestrado defendida em 2013 na Universidade de São Paulo. Em uma abordagem interdisciplinar, buscamos esmiuçar novas variáveis associadas à problemática dos dispositivos de controle e administração dos bens socialmente produzidos, associando informações contidas em tabletas com seu processamento arquivístico. Uma vez que nosso objeto não é de cunho somente filológico, tal abordagem nos conduziu a conclusões como, por exemplo, uma potencial hipertrofia documental que é problemática na ausência de um sistema de processamento de dados, assim como a conformação de elos de autoridade materialmente respaldados pela circulação dos tabletas, devidamente identificados com os sujeitos responsáveis pela informação produzida.

### **Recorte cronológico e fontes utilizadas**

O recorte utilizado no trabalho compreendeu três momentos entre 3500 a.C. a 2900 a.C., na zona do aluvião mesopotâmico: um primeiro, no qual havia uma grande difusão de uma administração baseada no arquivamento de selagens e de sistemas contábeis expressos contidos em tabletas “numéricos”, lacres de portas, recipientes, etc. Ou seja, as selagens constituíam-se no procedimento administrativo por excelência da época do auge da expansão de Uruk. O segundo período, entre 3200 e 3100 a.C. corresponde ao declínio da expansão da cultura de Uruk no Oriente Médio e é justamente neste momento que surge o protocuneiforme, possivelmente como uma resposta local ao período de mudanças. A partir de 3100 até 2900 a.C., com a cultura de Jemdet Nasr, esta tendência se radicaliza com a proliferação de conceitos administrativos – expressos em listas lexicais.

A imensa maioria dos tabletas analisados foram encontrados no complexo de Eanna, um conjunto de construções monumentais de natureza incerta, tradicionalmente relacionado com funções religiosas pelos historiadores. Seu contexto de achado, longe de ser funcional, era o de descarte: os tabletas foram utilizados para aplinar o solo com o intuito de servir de base para novas edificações, sendo que o grosso do material foi encontrado sob as fundações do Templo Vermelho. As informações coletadas pelos arqueólogos ainda sugerem que

este complexo foi remodelado diversas vezes em um curto período de tempo, o que pode estar associado a algum tipo de efervescência social.

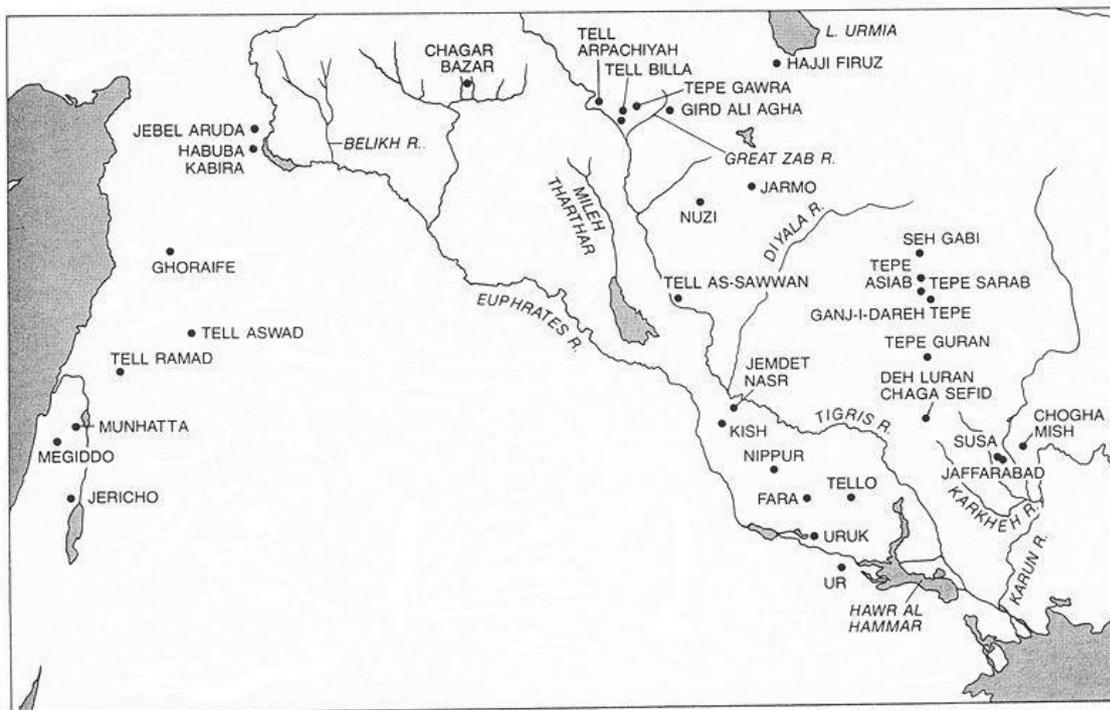


Complexo de Eanna: quadrantes por número de tabletes encontrados

(<http://cdli.ox.ac.uk/wiki/lib/exe/fetch.php?cache=&media=images:lateuruk02.jpg>)

Imediatamente anterior a essas rápidas transformações, a cidade de Uruk esteve interconectada a um complexo de sítios que abrangiam todo o Oriente Médio, em uma configuração pioneiramente interpretada como o primeiro Sistema-Mundo da história, uma relação centro-periferia na qual Uruk despontaria como centro dinâmico e seria a metrópole de cidades como Jebel Aruda e Habuba Kabira (ALGAZE, 1989). Esta interpretação atualmente é bem criticada pela falta de provas quanto às relações de dominação entre Uruk e sua suposta periferia e há historiadores, como P. Butterlin, que afirmam ser esta uma civilização “policêntrica” (BUTTERLIN, 2001). O chamado “mundo proto-urbano” entrou em colapso por volta

de 3200 a.C., por fatores ainda não conhecidos. Nota-se, a partir de então, a decadência de muitos sítios e o surgimento de uma cultura original no planalto iraniano: a proto-elamita.



Mundo “Proto-Urbano”

Em Uruk, a resposta a este fenômeno, segundo nossos estudos, foi o auto-centramento da cidade e a invenção do tablete de argila como suporte no qual seria inscrito o proto-cuneiforme foi uma resposta original às mudanças que se avizinhavam. No entanto, é incorreto supor que os tabletas obedecem à mesma cronologia do sítio pelas razões acima citadas e por isso os estilos de grafia e as técnicas de inscrição e distribuição da informação são os parâmetros cronológicos utilizados.

| Late Uruk Period<br>ca. 3100 | Jamdet Nasr Period<br>ca. 3000 | Early Dyn. III <sup>11</sup><br>Period<br>ca. 2400 | Ur III Period<br>ca. 2000 | Meaning       |
|------------------------------|--------------------------------|--|---------------------------|---------------|
|                              |                                |  |                           | SAG 'Head'    |
|                              |                                |  |                           | NINDA 'Bread' |
|                              |                                |  |                           | KU 'to eat'   |
|                              |                                |  |                           | AB 'Cow'      |
|                              |                                |  |                           | APIN 'Plow'   |
|                              |                                |  |                           | KI 'Place'    |
|                              |                                |  |                           | '10' resp '6' |
|                              |                                |  |                           | '1'           |

Desenvolvimento do proto-cuneiforme e sinais cuneiformes posteriores

(NISSEN, 1986: 321)

Os tabletes foram organizados, segundo os critérios acima citados, em três grupos: Uruk V, tabletes numéricos selados nos quais não há evidência do proto-cuneiforme<sup>ii</sup>; Uruk IV, grupo que contém tabletes numéricos não selados, tabletes com os primeiros registros do proto-cuneiforme (portanto, a tradicional evidência do surgimento da escrita) ainda com características bastante figurativas e etiquetas (*tags*), pequenos objetos de argila de natureza incerta que trazem informações iconográficas e sinais proto-cuneiformes; Uruk III, momento de grande proliferação documental e crescente abstração dos sinais gráficos. Neste momento, a contagem do tempo como um fator administrativo foi uma inovação que permitiu nossa reflexão sobre as dinâmicas de transferência de informação de um tablete a outro.

Os antecedentes destes dispositivos de controle encontravam-se em pleno uso por todo o Oriente Médio. Primeiramente, os *tokens*, pequenos objetos contáveis utilizados em trocas comerciais cuja contagem se realizava por correspondência direta com o produto comercializado, ou seja, um mecanismo de contagem concreta. Com o passar do tempo, os *tokens* foram guardados em esferas de argila com a superfície selada, na qual se imprimia o formato dos pequenos objetos. O passo natural, segundo a clássica tese de Denise Schmandt-Besserat

(SCHMANDT-BESSERAT; 1992), foi utilizar apenas a superfície da esfera de argila como suporte, abandonando-se os objetos tridimensionais cujos formatos inspirariam muitos dos sinais proto-cuneiformes. Outra prática foi a selagem, amplamente difundida desde o neolítico cerâmico, sendo esta, por muito tempo, a principal forma de produção de informação. Uma imensa gama de objetos era selada (entre eles, como dissemos, tabletes) e as marcas iconográficas representavam a pessoa ou a instituição envolvida na transação. Os temas eram variados, indo desde motivos abstratos, animais estilizados e demonstrações explícitas de poder (GRÓF, 2013).

Embora não houvesse uma sistematização detalhada dos procedimentos, é certo que tais objetos obedeciam a uma lógica que pode ser denominada arquivística, segundo estudos realizados nos últimos 15 anos. Sendo assim, o processamento técnico de tais objetos deve ser contemplado criticamente a partir (e não como ilustração) de conceitos desta disciplina. O primeiro passo, de fato, é buscar definir um arquivo.

### **Utilização de conceitos arquivísticos**

A relação entre sistemas comunicativos, como a escrita, e complexidade social acompanha os recentes desenvolvimentos da historiografia a partir da década de 70, com a valorização de fontes históricas alternativas ao documento escrito. Assim, a escrita deixa de ser representada como um eixo fundamental de desenvolvimento das sociedades complexas e passa a ser encarada como um produto histórico, uma ferramenta do poder que, em relação ao fenômeno da complexidade social, chega a ser secundária. Nesta perspectiva, a gênese da escrita estaria subjacente a uma cadeia de eventos que culminariam no desenvolvimento de uma economia urbana, constituindo-se em um instrumento de controle de um poder institucional nascente centrado nas grandes organizações.

As relações entre a escrita e complexidade social divergem estudiosos no que tange ao relacionamento entre os primeiros sinais gráficos e sua manifestação econômica: seriam objetos meramente utilitários ou possuiriam uma natureza mais ampla, potencialmente literária? No entanto, como afirma Rede, esta oposição desfavorece interpretações que relacionariam a escrita com os demais fenômenos

sociais e desloca a discussão para a questão do controle exercido através de um sistema de comunicação. Para o autor, deve-se estabelecer uma diferença entre

*[...] o setor prioritário da aplicação inicial do grafismo [...] e o conjunto mais amplo de impulsos que levaram ao acirramento das transformações no decorrer do quarto milênio e que estiveram na origem da escrita. Essas duas realidades manifestam-se de forma desigual na documentação, o que obriga a reconhecer que os primeiros exemplares da escrita cobrem apenas um setor limitado dos múltiplos dispositivos de controle postos em marcha no final do neolítico (REDE, 1999: 40)*

Temos, portanto, um fenômeno composto. A escrita é um tipo de registro que veicula uma informação específica operando sob uma lógica organizacional preexistente. É provável que as atividades econômicas que a escrita passou a registrar já existiam, mas sem o apoio de um suporte físico, ou ainda, não eram institucionalizadas. Por isso, além do aumento da quantidade de informação, é possível crer que esta atividade descritiva que a escrita veicula tenha ganhado um caráter oficial. O processamento técnico dos tabletas, então, concretizava o papel destes artefatos como dispositivos de controle. Tal lógica, sistemática e organizada, mesmo que de forma bem generalista, compreende os aspectos básicos do que seria um arquivo em seu sentido mais amplo.

Por que o uso do termo “arquivo”? Arquivo não se trata meramente do local de guarda ou da reunião de documentos sob uma mesma categoria. Estes são apenas aspectos acidentais, disponíveis materialmente. Antes, é necessário pensar na própria etimologia da palavra, relacionada a *arché*, que desvela a principal função da guarda de documentos: a sua natureza arcaica imiscuída com a autoridade do que é antigo, a origem de sua função comprobatória. Há de se diferenciar ainda o arquivo *conceito* do arquivo *físico*: na África Ocidental atual, por exemplo, os contadores de história, veiculadores da tradição, gozam de grande prestígio nas sociedades em que vivem e são considerados verdadeiros arquivos vivos. Freud, para Jacques Derrida, desenvolveu a psicanálise com base no princípio da *Arché*, determinando o presente a partir de um “arquivo” de experiências. Os “burocratas” dos arquivos mesopotâmicos assumiram a materialidade como método, e a transformaram em um discurso fundador implícito. Algumas questões naturalmente se impõem: se a natureza comprobatória é a base do conceito de arquivo, o que era necessário comprovar? Por que comprovar materialmente? Apenas para cumprir

uma função auxiliar da memória? São estas questões que se impõem atualmente em nossas pesquisas.

A Assiriologia se ocupou desde cedo com os arquivos na antiga Mesopotâmia. Afinal eram eles as principais fontes de documentos em uma época em que o fazer do historiador se assentava principalmente no registro escrito. Infelizmente era também o período de escavações assistemáticas e a frequente descontextualização desta documentação produziu um entrave heurístico cujos efeitos nocivos - e por vezes desanimadores - se fazem sentir até hoje. Mas são os próprios arquivistas que se destacam inicialmente no estudo do fenômeno arquivístico em si na Antiga Mesopotâmia. Um exemplo é a obra do arquivista Ernst Posner intitulada *Archives in the ancient world* de 1971, na qual o autor faz uma longa exposição sobre os procedimentos de gerenciamento de informações administrativas nas civilizações médio-orientais e clássicas. No entanto, o livro traz uma exposição extremamente descritiva dos vestígios arqueológicos às custas de uma reflexão mais aprofundada das relações entre o gerenciamento de dados administrativos e a sociedade que os gerou.

Em anos mais recentes os assiriólogos têm demonstrado uma preocupação diferenciada em definir o que seria um arquivo ou uma biblioteca, assim como estabelecer as diferenças de natureza conceitual pelos tipos de documento (historiograficamente falando) reunidos em um local apropriado para tal fim, aparentando ainda reflexos da preocupação dos próprios arquivistas na definição de seu objeto de conhecimento. Apenas para citar algumas obras de relevo sobre o tema encontramos o título *Cuneiform Archives and Libraries*, editado por Klaas Veenhof, decorrente de um encontro de assiriólogos ocorrido em Leiden, Holanda, em 1986, sobretudo o artigo do mesmo autor intitulado *Cuneiform archives: an introduction*, onde são tratados os principais tópicos sobre o assunto. Em 1972 Jack Sasson publica o artigo *Some comments on archive keeping at Mari* pela revista *Iraq*, no qual o autor chama a atenção para os procedimentos arquivísticos no palácio de Mari e identifica um sistema composto por registros escritos e iconográficos (selos) sem que haja uma necessária interdependência entre os dois tipos de registros. Outro importante artigo é o redigido por Jeremy A. Black e W. J. Tait intitulado *Archives and Libraries in the Ancient Near East* no qual realizam um estudo comparativo entre arquivos e bibliotecas na Mesopotâmia e no Egito de

forma que as peculiaridades geográficas possam trazer à tona o significado das práticas arquivísticas no Antigo Oriente Médio.

A definição de arquivo proposta por Elio Lodolini parece sintetizar as principais características deste fenômeno. Este autor afirma que o “*arquivo é a sedimentação documentária das atividades administrativas, cujos documentos estão ligados por um vínculo original, necessário e determinado*”(LODOLINI, 1991). Esta definição só fazem sentido ao assumirmos o papel social que determinada instituição representa através das atividades que dão sentido à sua existência, assim como enfatiza os vínculos necessários entre a documentação e a intenção geradora. Obviamente, devemos ter em mente que tais definições são contemporâneas e sua aplicação total a contextos antigos é problemática.

Em 1994, uma série de conferências foi publicada sob o título de *Archives before Writing*, na esteira dos estudos inaugurados por Enrica Fiandra que originaram uma série de obras sobre a função social da selagem na Mesopotâmia, afastando-se das considerações estéticas de até então. Uma vez que os *tokens* e os selos eram instrumentos de um sistema administrativo completo – sem escrita - do ponto de vista atual, é possível que a Arquivologia forneça alguns instrumentos de análise dos procedimentos documentais sem que necessariamente haja um descolamento dos impulsos sociais geradores de tais registros. Lembremos que um dos focos principais da Arquivologia é a instituição geradora do documento e sua relação com o entorno social.

A ideia central destes estudos é a de que sistemas administrativos plenamente desenvolvidos estavam em uso antes mesmo do surgimento do proto-cuneiforme, sendo este adaptado a um sistema administrativo anterior. De fato, o arquivamento, entendido como uma série de procedimentos pelos quais a informação arquivística opera sob uma determinada lógica que compreende o momento de sua formação, guarda e descarte, condiciona em grande medida a forma como o registro é veiculado, seja ele iconográfico, seja ele escrito. Encontramos tais ideias bem desenvolvidas em estudos de sistemas comunicativos alternativos à escrita, mas ainda em fase de gestação no que tange aos arquivos cuneiformes, menos ainda aos proto-cuneiformes.

Maria Brosius, em compilação recente de textos produzidos nos últimos 20 anos, coloca em questão o problema particular do arquivo antigo, ou seja, especificar as práticas arquivísticas características da antiguidade. Para ela, é

fundamental diferenciar *Record keeping* – um depósito de registros – de um verdadeiro arquivo. Para tanto, ela questiona:

O que constitui um arquivo antigo? Qual a diferença entre um arquivo e um depósito para documentos? Era um fundo de arquivo e era diferente de uma reunião aleatória de documentos? Eles eram organizados de formas distintas? Os documentos armazenados em um arquivo eram organizados mais coerentemente do que aqueles mantidos em depósitos, ou aqueles mantidos como coleções? Os documentos eram recuperados de arquivos e não de outros espaços de armazenamento?[...] (BROSIUS, 2010: 2)

Brosius ainda problematiza a percepção do arquivo como um fenômeno *per se* para os antigos. São questões pontuais e importantes, mas, devido à natureza lacônica de nossa documentação, dificilmente serão respondidas. A única possibilidade de evidenciar aspectos das práticas administrativas proto-urbanas em Uruk é partir, portanto, para uma análise de conjunto que envolva desde os espaços físicos disponíveis até mesmo uma abordagem que tenha como variável importante a relação do homem com o mundo físico, sendo tal relação também histórica e determinante em processos de consolidação de autoridade, transmissão da informação e administração institucional.

### **Estudos de cultura material**

O surgimento da escrita ainda é considerado como um marco que separa a pré-história da história. A ênfase dada à escrita não se restringiu apenas na historiografia, mas se espalhou para a antropologia estruturalista dos anos 50 e 60 (GELB, 1952; GOODY, 1960). Nos anos 70, auge dos estudos semióticos, a escrita foi abordada segundo suas estruturas simbólicas características. Este tradicional “grafocentrismo” é uma marca indelével de trabalhos importantes como o de Denise Schmandt-Besserat, e apenas recentemente tem sido contestado. Embora jamais neguem as influências sociais, estes trabalhos privilegiam os aspectos gráficos e simbólicos como elementos cruciais de desenvolvimento. Desta forma, a “origem da escrita” é uma problemática que se desenvolve dentro dos próprios mecanismos de notação e significação.

No entanto, pouco foi abordado em termos de procedimentos sob os quais os tabletas protocuneiformes foram submetidos, em grande medida pela dificuldade em

que os tabletes se apresentam em termos de contexto arqueológico. E as observações de Damerow, ao apontarem as limitações da filologia (DAMEROW, 2006:2), nos conduziram a uma perspectiva que inclua no escopo explicativo não somente o marco inicial de um sistema comunicativo, mas o papel socialmente ativo que os tabletes e outros artefatos – tais como sinetes, selos cilíndricos – tiveram como instrumentos subjacentes a um sistema de objetos que pode ser caracterizado como *arquivístico*, estruturado a partir de procedimentos de guarda documental (*record-keeping*). Diferença que já citamos a cima a partir das reflexões de Brosius.

A partir daí, é necessário pensar como tais artefatos tornam-se *efetivamente* instrumentos controle, ou seja, como correspondem às dinâmicas materiais. Lynn Meskell chama de *worldy engagement*, ou seja, a materialidade como “nosso engajamento físico com o mundo, nosso meio de inserção de nós mesmos na fabricação deste mundo, e nosso meio de constituir e moldar cultura em um sentido externo e [ao mesmo tempo] incorporado” (MESKELL, 2013: 11). Larsen já alertava na década de 80 que textos escritos são geralmente tratados como uma espécie de evidência autônoma quando deveriam ser também considerados como objetos através de análises combinadas com o contexto material disponível (LARSEN, 1986: 175). Assim, fica evidente a necessidade de uma abordagem dos procedimentos materiais administrativos e sua relação intrínseca com as estratégias de consolidação da complexidade social.

O arquivista-historiador Gian Giacomo Fissore notou que o momento da preservação ou da arquivagem dos dispositivos de controle pré-históricos aparece como o mais adequado para a análise de sistemas administrativos que controlam bens utilizados por toda uma comunidade. A preservação – que decorre em grande medida da experiência histórica do uso da argila e dos conhecimentos de suas propriedades físicas – surge como uma estratégia administrativa que une o aspecto duradouro de uma unidade de informação materializada assim como estabelece diretrizes para sua posterior difusão e processamento (FISSORE, 1994: 12). Neste sentido, o arquivo pode ser considerado como um sistema de objetos que faz a ponte entre o sistema de notação – seja ele a escrita ou iconografia – e seu papel social como instrumento de controle.

A ideia de que toda prática é essencialmente *material* ao realizar-se através da intervenção humana no mundo, que é físico por excelência, está em consonância com os teóricos da chamada Antropologia da Cultura Material. Segundo estes autores

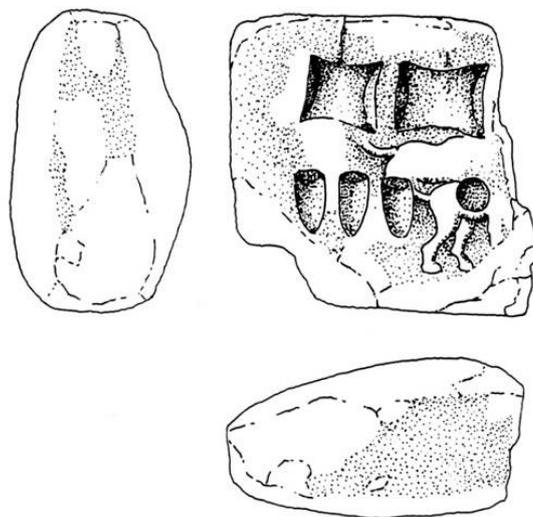
o homem não pode prescindir do mundo material, com o qual interage dialeticamente – segundo Daniel Miller – ou está enredado nele, como afirma Ian Hodder. A base filosófica de tais estudos consiste em uma revisitação da fenomenologia dos anos 30 com o intuito de problematizar a dicotomia cartesiana entre sujeito e objeto, o que seria inapropriado para as ciências humanas na medida em que o ser humano está em uma relação simétrica com o mundo, no qual age e vive. A ideia, portanto, é construir uma ciência humana “total” retirando o homem do centro, e os estudos de cultura material tem buscado definir outras variáveis até então esquecidas pelos historiadores, antropólogos e sociólogos.

A partir daí, analisamos o arquivo como um sistema de objetos, mas sem esquecermo-nos de conciliar as propriedades físicas dos tabletes e seu processamento técnico, evitando também um “fisicentrismo”, ou seja, uma abordagem puramente material. Como afirmamos em nosso trabalho

A guarda de registros administrativos (*record-keeping*) surge como um fator fenomenológico que catalisa a simbiose entre aspectos gráficos e materiais do artefato-registro, deslocando a natureza do documento individual para uma esfera de conjunto. Em outras palavras, a composição material-intelectual de um documento está necessariamente atrelada à produção, circulação, guarda e descarte de outros documentos de natureza semelhante, bem como à integração com dispositivos de controle heterogêneos que possam ainda interagir graficamente com a informação veiculada nos tabletes, como os tipos de cálamo utilizados e a iconografia proveniente de selos cilíndricos (GROF, 2013: 49).

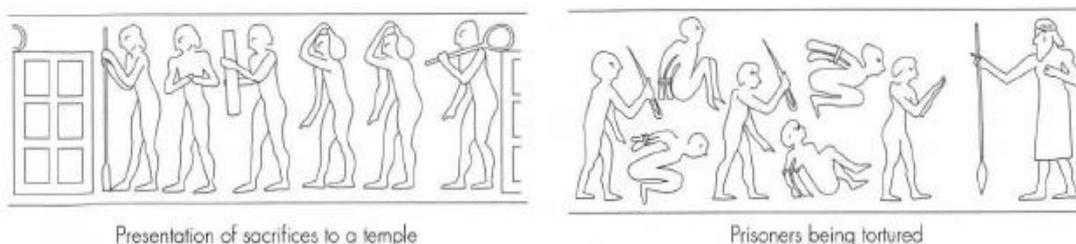
A partir desta premissa, nossa análise de fontes permitiu a observação de algumas tendências interessantes sobre as práticas administrativas em Uruk entre 3500 a 2900 a.C. Segundo Durante, o documento surge como um instrumento concretiza um fato administrativamente relevante e condensa três elementos: o fato, aquilo que “rodeia” o documento; a forma, os caracteres físicos e intelectuais de um documento; documentação, o procedimento que incorpora o fato à forma documental (DURANTI, 1996: 50). Entre 3500 a 3200 a.C., momento em que o mundo proto-urbano encontrava-se consolidado, a selagem constituía-se no procedimento administrativo por excelência, seja de tabletes, envelopes de argila, lacres e objetos de natureza variada. No entanto, apenas uma parcela do nosso corpus era selada, o que demonstra que este procedimento não era exigido em todos os contextos e que era realizado em ocasiões específicas. Dos 78 tabletes analisados, provenientes de Uruk, apenas 49 eram selados e dos motivos presentes

nos tabletas, poucos referiam-se a demonstrações explícitas de poder, geralmente sendo animais ou motivos abstratos.



Siegel Nr. 14

Tablete selado fase Uruk V, contendo apenas numerais.



Selos contendo cenas de demonstração explícita de poder. (ENGLUND, 1998:44)

Sendo assim, o tablete foi antes de tudo um suporte material de contabilidade, cuja transformação em documento de arquivo dependia da selagem. Esta, por sua vez, poderia estar associada a transações entre esferas distintas, internamente ao sítio ou até mesmo externamente, levando em conta a existência de um amplo horizonte cultural razoavelmente homogêneo. De fato, Holly Pittman notou nos motivos das selagens elementos semióticos que atestam a existência de um grande contexto de inteligibilidade, ou seja, um padrão cultural proto-urbano (PITTMAN, 2001). Caberia ainda um estudo mais aprofundado que possa encontrar algum relacionamento entre a natureza das relações entre os diversos centros urbanos e os motivos iconográficos, embora não exista evidência de intercâmbio de tabletas.

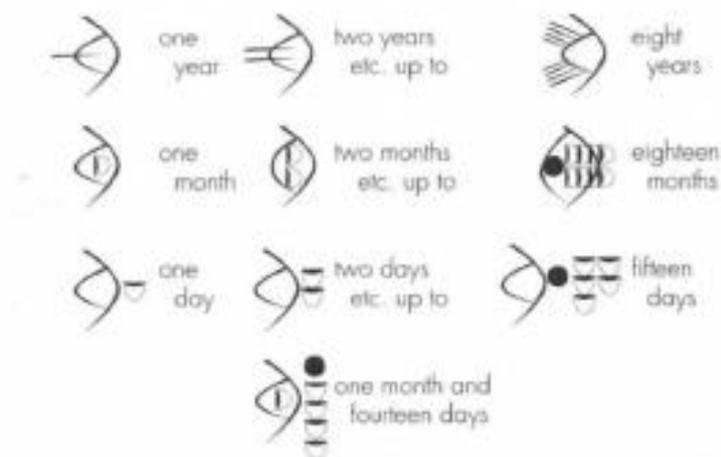
Na fase Uruk IV, haverá uma mudança significativa: as selagens desaparecerão e haverá uma proliferação dos sinais proto-cuneiformes, antes escassos e pontuais, esta talvez uma estratégia para manter a inteligibilidade em um amplo horizonte cultural. No entanto, Damerow nota que a imensa maioria dos sinais aparece pouquíssimas vezes, o que o levou a refletir sobre a utilização de convenções padronizadas no proto-cuneiforme.

| <i>Number of attestations</i> | <i>Number of signs</i> |
|-------------------------------|------------------------|
| 1                             | 530                    |
| 2 - 10                        | 610                    |
| 11 - 100                      | 370                    |
| more than 100                 | 104                    |

(DAMEROW, 2006:6)

A partir destas reflexões, pudemos notar alguns padrões de composição nos tabletas Uruk IV. A existência de grupos de tabletas com informação distribuída de forma semelhante faz crer que os registros relacionam-se concretamente com o ato administrativo, em um nível mínimo de padronização. A existência de apenas um registro de determinado sinal faz supor que os desenvolvimentos intelectuais da escrita relacionaram-se diretamente com a manipulação de documentos, em que as notações gráficas ganham variações de acordo com atividades administrativas. Por exemplo, o sinal UDU (uma cruz rodeada por um círculo, significando “gado pequeno”) ganhou variações relativas ao gênero, espécie e faixa etária, de acordo com as necessidades da atividade econômica.

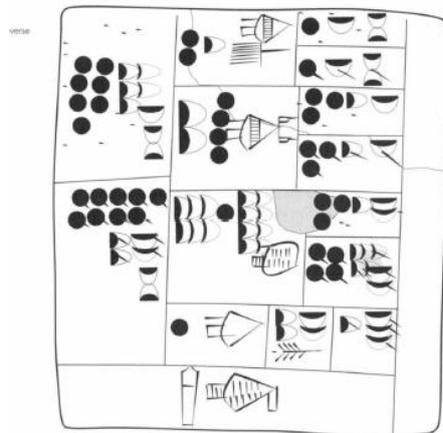
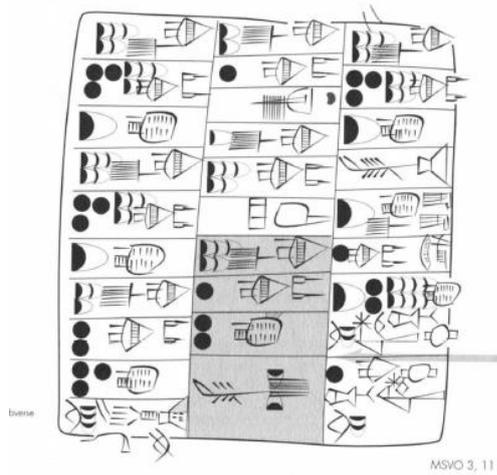
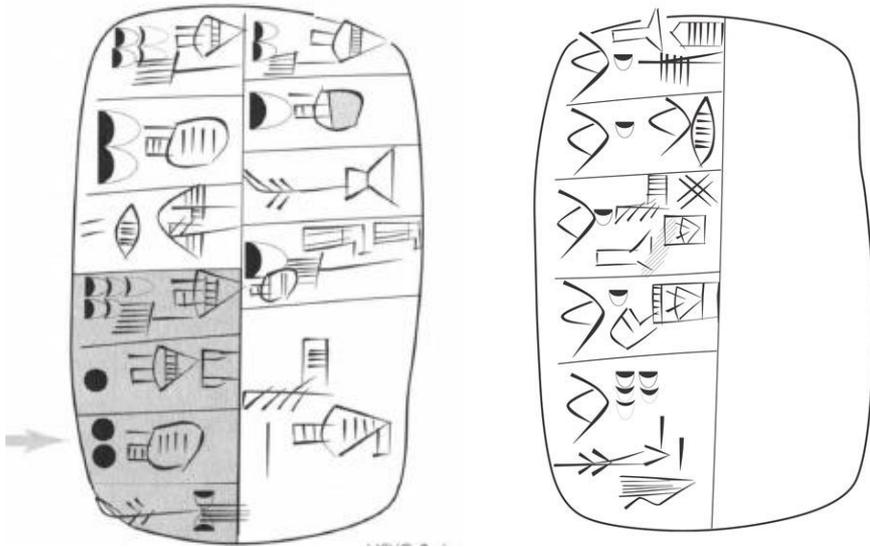
A existência de séries documentais, apesar da descontextualização dos tabletas, prova não somente a íntima relação de um grupo determinado de tabletas em relação a um ato administrativo específico, mas também sugere a existência da transferência de informação de um tablete a outro. Esta tendência é melhor observável na fase Uruk III, fase de rápida proliferação documental e do surgimento do sistema U4 de contagem de tempo.



(ENGLUND, 1998: 121)

Uma vez que o próprio tempo passou a ser um fator a ser administrado, isso certamente condicionou práticas materiais relacionadas aos tabletes, sobretudo em relação à guarda e à circulação dos documentos. Em relação a este ponto, os tabletes não circulavam em grandes contextos e sim em um ambiente restrito, delimitado pelas grandes organizações em Uruk. Durante a fase Uruk III/Jemdet Nasr, o crescimento exponencial de conceitos, sinais e documentos representou a tentativa de condicionar cada vez mais o mundo sob a lógica administrativa, demonstrando o crescimento de um sistema administrativo cada vez mais auto-referencial.

Para compor resumos anuais, o escriba valia-se, portanto, de documentos previamente armazenados, embora não houvesse uma demanda padronizada para a composição destes resumos e conseqüentemente uma “filtragem” de informação de acordo com demandas específicas.



(ENGLUND, 1998: 195)

Do ponto de vista da arquitetura dos recintos no complexo de Eanna, a falta de um amplo espaço central para arquivamento – já que os documentos não apresentam características que favoreçam sua recuperação rápida em um local centralizado - certamente estimulou o intenso descarte documental ao mesmo tempo em que surgia a necessidade de utilizar o tempo como um fator administrativo. Sugerimos, então, a existência de um arquivo descentralizado, com pouca – se é que havia – padronização e submetido a uma gama de administradores cujos laços de autoridade eram materialmente conformados pela própria circulação dos tablettes. E isso pode explicar a grande ênfase dada aos cargos e “departamentos”, conceitos atestados com mais frequência na documentação arcaica. A nosso ver, antes de identificar um pertencimento ou a responsabilidade pelo ato descrito, os nomes ou cargos referiam-se antes de tudo àqueles que se responsabilizavam pela informação gerada, de modo que pudessem ser consultados no caso de dúvidas quanto à transação.

### **Conclusões gerais**

Em nossa pesquisa buscamos mobilizar conceitos teóricos pouco utilizados pela historiografia tradicional para melhor compreender um problema complexo, o qual dificilmente poderia ser estudado sem uma abordagem interdisciplinar. No entanto, estamos cientes de que, dada a natureza lacunar dos vestígios disponíveis, estas discussões estão longe de terminar e muitas dúvidas serão insolúveis.

Porém, não devemos ser pessimistas a ponto de simplesmente ignorar tais problemáticas. O estudo das práticas administrativas deste período, amparado por conceitos antropológicos recentes, pode demonstrar casos interessantes que revelem as relações complexas entre o homem e seu meio, inclusive atentando para o fato de que mesmo as relações do homem com o mundo físico estão permeadas pela historicidade. Em nosso caso, a ênfase dada à escrita como uma revelação ou um produto intelectual avançado tende a colocá-la à parte das múltiplas transformações ocorridas no quarto milênio, dentro das quais ela corresponderia a um produto da complexificação social, uma ferramenta do poder. Mesmo compreender a escrita como ferramenta de poder seria insuficiente se não levássemos em conta seu processamento técnico – arquivístico – o que a consolidaria como instrumento de controle.

A partir de tais considerações, pudemos detectar nas fontes utilizadas uma crescente tendência à auto-referencialidade institucional após as mudanças que caracterizaram o fim do mundo proto-urbano. Os primeiros tabletes, os da fase V, apresentam poucas marcas – sobretudo números e poucos grafemas – facilitando o contato entre locais distantes. A partir da retração do mundo de Uruk, houve uma proliferação de dos grafemas e a abolição – salvo raras exceções – da selagem nos tabletes. Ainda, a excessiva materialidade aplicada ao contexto administrativo conduziu a determinados problemas como

A hipertrofia documental e a potencial pulverização da informação [que] colocavam sérios riscos à administração. Os tabletes parecem ter sido agrupados em locais diversos, sob a tutela dos mais diversos oficiais responsáveis por diversos atos administrativos, não havendo mesmo um padrão geral de composição. Esta descentralização do arquivo é uma tendência que pode ser vista na própria composição dos tabletes: pequenas séries que apresentam estruturas similares possivelmente como uma estratégia de organização visual que vinculava os documentos a um determinado processo (GROF, 2013: 135-136)

Portanto, os administradores urukianos, como diria Ian Hodder, encontravam-se cada vez mais “enredados” no mundo físico (HODDER, 2012). Os documentos da fase III demonstram com maior clareza a intertextualidade arquivística, documentos gerando documentos, estruturando um universo de práticas administrativas meta-informacional que mantém o homem em uma dependência cada vez maior de instrumentos físicos de controle. O desenvolvimento histórico de mecanismos autorreferenciais seria responsável pela formação de uma autoconsciência institucional, ou seja, de que a instituição possui problemas específicos a serem solucionados – algo como as “atividades-meio” das empresas e instituições públicas atuais. O funcionamento da máquina administrativa teria gerado demandas específicas oriundas da tentativa de controle econômico e político e, por outro, da hipertrofia documental associada à formação de um vínculo concreto entre oficiais. Dito de outra forma, quanto mais atos administrativos, maior a necessidade de envolver oficiais para sua realização e quanto mais oficiais, maior a necessidade de fiscalização e controle, papel desempenhado pelos tabletes que conformavam laços de autoridade entre administradores. Notaremos que a falta de uma padronização clara dos procedimentos será sanada em períodos posteriores, como naqueles observados no palácio de Ebla, mais de um milênio depois.

Somos ainda confrontados com a necessidade de reavaliar algumas posturas clássicas em relação ao surgimento da escrita, sobretudo em relação ao conceito de “necessidade”. ou seja, o grafismo teria surgido quando nossa capacidade de retenção na memória não teria acompanhado os desenvolvimentos característicos da Revolução Urbana. Primeiramente, esta tese faz supor que houve uma substituição direta entre a oralidade e a escrita, um equívoco na medida em que o proto-cuneiforme surgiu para lidar com questões específicas e esteve restrito à aplicação econômica. Vimos ainda que os primeiros tabletes, bem lacunares, não podiam prescindir de informações orais.

Ainda, a ideia de necessidade parece pressupor que uma determinada ideia tenha surgido espontaneamente, como se não houvesse uma necessária relação dialética entre o ser humano, as restrições impostas pelo próprio mundo físico e experiência acumulada. Daniel Miller denomina como “objetivação” o processo no tempo

pelo qual o ato de criar formas cria consciência ou capacidade tal como habilidades e a partir daí transforma ambas forma e autoconsciência do que se tem consciência ou uma capacidade daquilo que agora tem-se habilidade. (MILLER, 2005: 9)

A criação de necessidades parece-nos um ato de consciência calcado na própria realidade: tabletes com notações foram criados segundo a experiência histórica entre homem e matéria que contempla, por um lado, o uso de argila como matéria-prima de quase todo o universo culturalmente apropriado e, por outro, o uso desta argila em atividades administrativas e econômicas prévias. Não se trata de uma teoria da representação, mas de como homens e coisas se co-produzem (GROF, 2013: 112)

## REFERÊNCIAS

- ADAMS, R. McC.; NISSEN, H. *The Uruk Countryside: the natural setting of urban societies*. Chicago: University of Chicago Press, 1972.
- ALGAZE, Guillermo. *The Uruk world system: the dynamics of expansion of Early Mesopotamian civilization*. Chicago: University of Chicago Press, 1983.

- \_\_\_\_\_. The Uruk Expansion: Cross-cultural Exchange in Early Mesopotamian Civilization. In: *Current Anthropology*, Vol. 30, No. 5 (Dec., 1989), pp. 571-608.
- \_\_\_\_\_. Initial Social Complexity in Southwestern Asia: The Mesopotamian Advantage. In: *Current Anthropology*, Vol. 42, No. 2 (April 2001), pp. 199-233
- \_\_\_\_\_. *Mesopotamia en los albores de la civilización: la evolución de un paisaje urbano*. Barcelona: Belaterra, 2008
- \_\_\_\_\_. The end of prehistory and the Uruk Period. In: CRAWFORD, Harriet. *The Sumerian world*. New York: 2012
- APPADURAI, A. (org.) *The Social Life of Things*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986
- BELLOTTO, H. L. *Arquivística: objetos, princípios e rumos*. São Paulo: Associação de Arquivistas de São Paulo, 2002.
- BOIVIN, Nicole. The Malice of Inanimate Objects: Material Agency. In: HICKS, Dan; BEAUDRY, Mary C. (orgs.). *The Oxford Handbook of Material Culture Studies*. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- BOTTERO, Jean. De l'aide-mémoire à l'écriture. In: BOTTERO, J. *Mesopotamie, la raison et les dieux*. Paris. Gallimard, 1987.
- BUTTERLIN, Pascal. *Les Temps proto Urbains de la Mesopotamie*. Paris, CNRS Editions, 2003
- CAMARGO, Ana Maria de Almeida. BELLOTTO, Heloisa Liberalli.(orgs.) *Dicionario de terminogia arquivística*. São Paulo: ARQ-SP, 1996
- CARDOSO, Ciro Flamarion. *Modo de produção Asiático*. Nova Visita a um velho conceito. RJ: Campus, 1990.
- CHILDE, Gordon. *Evolução Social*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1961.
- \_\_\_\_\_ Idem. *Evolução cultural do Homem*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1958
- DAMEROW, P. The origins of Writing as a Problem of Historical Epistemology. *Cuneiform Digital Library Journal*, 2006:1
- DAMEROW, P. ENGLUND, Robert K.. Die Zahlzeichensysteme der Archaischen Texte aus Uruk. In: GREEN, M.W.; NISSEN, H. *Die Zeichenliste der Archaischen Texts aus Uruk*. [s.n.t.]
- DANIELS, P.T. The Study of writing systems. In: DANIELS, P.T.; BRIGHT, W. (eds.) *The world's writing systems*. Oxford: Oxford University Press, 1996.
- DURANTI, Luciana. *Ciencia Arquivística*. Córdoba, 1995.

- \_\_\_\_\_. Los conceptos de hecho e acto y la función de un documento con relación a ellos. In: *Diplomatica: usos nuevos para una antigua ciencia*. Carmona: S&C Ediciones, 1996
- EISENSTADT, S. *The political system of empires: the rise and fall of the historical bureaucratic societies*. New York: Free Press, 1969.
- ENGLUND, R. The Origins of script. In: *Science*, 260, p.1670-1671, 1993.
- \_\_\_\_\_. Texts from the late Uruk Period. In: BAUER, J.; ENGLUND, R.K.; KREBERNIK, M. *Mesopotamien Spärtuk-Zeit und Frühdynastische Zeit*. Freiburg/Göttingen: Universitätsverlag/Vandenhoeck & Ruprecht, 1998.
- FALKENSTEIN, A. *Archaische texte aus Uruk*. Berlin: Deutsche Forschungsgemeinschaft, 1936.
- FERIOLI, P.; FIANDRA, E.; FISSORE G.G.; FRANGIPANE, M. (eds.) *Archives before writing*. Roma: pubblicazione Degli Archivi di Stato, 1994
- FISSORE, Gian Giacomo. Introduction. In: FERIOLI, P.; FIANDRA, E.; FISSORE G.G.; FRANGIPANE, M. (eds.) *Archives before writing*. Roma: pubblicazione Degli Archivi di Stato, 1994.
- FRANGIPANE, Marcella. *La Nascita Dello Stato nel Vicino Oriente*. Roma: Laterza, 1996.
- GARELLI, Paul. *O Oriente Próximo Asiático.v.1*. São Paulo: Edusp, 1982.
- GELB, Ignace J. *A study of writing. The foundations of grammatology*. Chicago: University Press, 1986.
- GLASSNER, Jean Jacques. L'Écriture Sumériene: invention et premiers usages. In: *Revue Européene des Sciences Sociales*, n.26, p. 33-45, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Écrire à Sumer. l'invention du cunéiforme*. Paris: Seuil, 2000.
- GOODY, Jack. *The logic of writing and the organization of society*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- GOODY, Jack; WATT, I. The consequences of literacy. In: *Comparative Studies in Society and History*, 5, p. 304-345, 1998.
- GREEN, M. W. and NISSEN, H. J. *Zeichenliste der Archaischen Texte aus Uruk*. Archaische Texte aus Uruk. 2. Ausgrabungen der Deutschen Forschungsgemeinschaft in Uruk/Warka, Berlin [s.d.]
- GRÓF, G. L. *Práticas administrativas em Uruk entre 3500 a 2900 a.C.* 2013. 134 f. Dissertação. São Paulo, Universidade de São Paulo, 2013.

- HAUSLEITER, Arnulf. KERNER, Susanne. MÜLLER-NEUHOF, Bernd. (eds.) *Material Culture and Mental Spheres*. Münster: Ugarit-Verlag, 2002.
- HEINRICH, E. *Die Tempel und Heiligtümer im alten Mesopotamien*. Berlin: de Gruyter, 1982
- HEINZ, Marlies. Public buildings, palaces and temples. In: CRAWFORD, Harriet. *The Sumerian world*. New York: 2012
- HICKS, Dan. The Material Cultural Turn. Event and Effect. In: HICKS, Dan; BEAUDRY, Mary C. (orgs.). *The Oxford Handbook of Material Culture Studies*. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- HODDER, Ian. *Symbols in Action*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982
- \_\_\_\_\_. Neo-Thingness in: CHERRY, J; SCARRE, C. SHENNAN, S. *Explaining social change: studies in honour of Colin Renfrew*. McDonald Institute Monographs, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Entagled: an archeology of the relationships between Humans and Things*. Oxford: Willey-Blackwell: 2012
- HOLE, Frank. Investigating the Origins of Mesopotamian Civilization. In: HUOT, J.L. THALMANN, J-P. VALBELLE, D. *Naissance des cités*. Paris: Nathan, 1990.
- JOHNSON, G. The changing organization of Uruk administration in the Susiana plain. in: HOLE, Frank *The archaeology of western Iran*. Washington, D.C.: Smithsonian Institution Press, 1987 143
- LARSEN, M.T. Introduction: Literacy and Social Complexity. In: GLEDHILL, J. BENDER, B.; LARSEN, M.T. (eds.) *State and society: the emergence and development of social hierarchy and political centralization*. London: Unwin Hyman, 1988.
- LIVERANI, Mario. *Uruk, la prima città*. Roma-Bari: Laterza, 1998
- \_\_\_\_\_. *Myths and Polithics in Ancient Near Historiography*. London: Equinox, 2004
- LODOLINI, Elio. El Problema fundamental de la archivística: la naturaleza y el ordenamiento del archivo. In: GUTIERREZ MUÑOZ, Cesar (ed.) *Archivística*. Lima: Pontificia Universidad Católica, 1991.
- MESKELL, Lynn (ed.). *Archaeologies of Materiality*. Oxford: Blackwell Publishing, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Object worlds in Ancient Egypt*. Material biographies past and present: 2013.

- MICHALOWSKI, Piotr. Early mesopotamian communicative systems: art, literature and writing. In: GUNTER, A.C. (ed.) *Investigating artistic environments in the ancient Near East*. Washington: 1990.
- MILLER, Daniel (Ed.). *Material Cultures. Why Some Things Matter*. Chicago: The UCP, 1997.
- \_\_\_\_\_ *Materiality*. Londres: Duke University Press, 2005
- MILLER, Richard W. Social and Political Theory in: CARVER, Terrell. *The Cambridge Companion to Marx*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991. p. 66-144.
- NISSEN, H.J. The archaic texts from Uruk. In: *World Archaeology*, v.7, n.3. p 317-334.
- NISSEN, H.J. L'invention de l'écriture cunéiforme: les tablettes archaïques d'Uruk. In: BERTIN, Ch. et al. *En Syrie aux origines de l'écriture*. Turnhout: Brepols, 1997.
- NISSEN, H.J. *Early History of Ancient Near East*. Chicago: The University of Chicago Press, 1997.
- NISSEN, H.J., DAMEROW, P.; ENGLUND, Robert K. *Archaic Bookkeeping*. Writing and techniques of economic administration in the ancient Near East. Chicago: Chicago University Press, 1993.
- PITTMAN, H. Towards an understanding of the glyptic imagery in the administrative systems of Proto-Literate greater Mesopotamia. In: FERIOLI, P.; FIANDRA, E.; FISSORE G.G.; FRANGIPANE, M. (eds.) *Archives before writing*. Roma: pubblicazione Degli Archivi di Stato, 1994
- OPPENHEIM, A. L. *Ancient Mesopotamia: portrait of a dead civilization*. Chicago: The University of Chicago Press, 1977.
- POLLOCK, Susan. *Mesopotamia: the Eden that never was*. Cambridge: Cambridge Press, 1999.
- POWELL, M.A. Three problems in the history of cuneiform writing: origins, direction of script, literacy. *Visible Language*, 15, p. 419-440m 1981.
- REDE, Marcelo. Complexidade social, sistemas comunicativos e gênese da escrita cuneiforme. *Classica*, São Paulo, v.11/12, p 37-59, 1998/1999.
- FIANDRA, E.; FISSORE G.G.; FRANGIPANE, M. (eds.) *Archives before writing*. Roma: publicação Degli Archivi 145 di Stato, 1994.
- SASSON J. Some comments on archive keeping at Mari. *Iraq*, 34, 1972.

- SCHMANDT-BESSERAT, Denise. An archaic recording system and the origin of writing. *Syro-mesopotamian Studies*, 1, p 31-70, 1977.
- \_\_\_\_\_. *Before Writing: from counting to cuneiform*. V.1. Austin: University of Texas Press, 1992.
- \_\_\_\_\_. Tokens: a prehistoric archive system. In: FERIOLI, P.; FIANDRA, E.; FISSORE G.G.; FRANGIPANE, M. (eds.) *Archives before writing*. Roma: pubblicazione Degli Archivi di Stato, 1994.
- \_\_\_\_\_. Record keeping before writing. In: SASSON, J. (ed.) *Civilization of Ancient Near East*. v. IV. New York: Charles Scribner's Sons, 1995.
- SHENDGE, M. J. The use of seals and the invention of writing. *Journal of the Social and Economic History of the Orient*, 26, p. 113-136, 1983.
- STEIN, Gil. *Rethinking World Systems, Diasporas, Colonies and Interaction in Uruk Mesopotamia*. Tucson: University of Arizona Press, 1999.
- \_\_\_\_\_. (ed.). *The archaeology of Colonial Encounters: comparative perspectives*. Santa Fe: SAR press, 2004.
- STEIN, Gil. et.alii Uruk Colonies and Anatolian Communities: An Interim Report on the 1992-1993 Excavations at Hacinebi, Turkey. In: *American Journal of Archaeology*, Vol. 100, No. 2 (Apr., 1996), pp. 205-260
- STROMMENGER, Eva. The chronological divisions of the Archaic Levels of Uruk-Eanna VI to III/II: past and present. *American Journal of Archaeology* n.84, p 479-487.
- SÜRENHAGEN, D. Relative chronology of the Uruk Period. *Bulletin de la société canadienne des Etudes mésopotamiennes* n.25, p 57-71. 1993
- SZARYNSKA, K. Archaic sumerian tags. *Journal of Cuneiform Studies*, v 46, p 1-10. 1994 146.
- TILLEY, C. *Reading Material Culture*. Oxford: Blackwell, 1990
- THOMASSEN, Theo. Uma primeira introdução à Arquivologia. *Arquivo e Administração*, v.5, n.1, jan/jul 2006.
- VANSTIPHOUT. H.L.J. Memory and literacy in ancient western Asia. In: In: SASSON, J. (ed.) *Civilization of Ancient Near East*. v. IV. New York: Charles Scribner's Sons, 1995.
- VÁZQUEZ, Manuel. *Introducción a la Archivología*. Buenos Aires: Asociación Bonaerense de Archiveros, [s.d].

VEENHOF, K. *Cuneiform Archives and Libraries*: papers read at the 30 rencontre Assyriologique Internationale. Leiden, 1983.

WITTFOGEL, Karl. *Le Despotisme Oriental*: étude comparative du pouvoir total. Paris: Editions de Minuit, 1977.

YOFFEE, N. *Myths of the Archaic State*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005

## NOTAS

---

<sup>i</sup> Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da FFLCH/USP e membro do LAOP – Laboratório do Antigo Oriente Próximo. Atualmente leciona História, Filosofia e Sociologia no Colégio Objetivo SP e História Antiga e Medieval no curso de Licenciatura em História da Universidade Paulista – UNIP.

<sup>ii</sup> Estes tabletes podem ser facilmente confundidos com tabletes numéricos da fase IV. No entanto, diferentemente destes últimos, não há indícios de técnicas de contabilidade baseada na redução e síntese de sinais numéricos.